

Imaginários da mobilidade haitiana no Brasil: uma leitura do conto “Meu mar (Fé)”, de Itamar Vieira Junior

Vanessa Rocha

RESUMO: Este artigo analisa a mobilidade haitiana no Brasil a partir do conto "Meu mar (fé)" (2020 [2017]), do escritor baiano Itamar Vieira Junior, no qual uma mulher haitiana em migração ilegal evidencia as dificuldades de mobilidade e o racismo praticado no Brasil. O artigo está organizado em três partes: a primeira destaca a atitude migratória que caracteriza os humanos, elenca os motivos da partida segundo o intelectual martinicano Patrick Chamoiseau (2017), observa como a contemporaneidade pode associar os movimentos ao espaço dos fluxos (Ollivier, 2011), à pluralidade enriquecedora e à descoberta de individualidades polifônicas. A segunda parte revisa brevemente três textos caribenhos, de 1955 a 2005, nos quais, de forma pessimista, trata-se de um personagem haitiano em movimento. A esse panorama se soma a concepção dos escritores haitianos em torno de uma aparente dupla impossibilidade: a de permanecer no Haiti e a de ser plenamente acolhido em uma nova sociedade. Ao final, o artigo enfoca a relação Brasil-Haiti, o conceito de "amefricanidade" (Gonzalez, 2020) e as leis sobre o acolhimento de haitianos no Brasil antes de propor uma leitura do conto de Vieira Junior. Ao se afastar de visões preponderantemente negativas da mobilidade haitiana, o texto promove um debate sobre amizade, empatia e realizações.

Palavras-chave: Mobilidade haitiana. Brasil. Itamar Vieira Junior. Literatura brasileira

ABSTRACT: This article analyzes Haitian mobility in Brazil based on the short story "Meu mar (fé)" (2020 [2017]), by Bahian writer Itamar Vieira Junior, in which a Haitian woman in illegal migration explains the difficulties of mobility and racism practiced in Brazil. The article is organized into three parts: the first highlights the migratory attitude that characterizes humans, lists the reasons for departure according to the Martinican intellectual Patrick Chamoiseau (2017) and observes how contemporaneity can associate movements with the space of flows (Ollivier, 2011), with enriching plurality and with the discovery of polyphonic individualities. The second part briefly reviews three Caribbean texts, from 1955 to 2005, in which, pessimistically, it is a Haitian character in motion. To this panorama is added the conception of Haitian writers around an apparent double impossibility: that of remaining in Haiti and that of being fully welcomed into a new society. In the end, the article focuses on the Brazil-Haiti relationship, the concept of "amefricanity" (Gonzalez, 2020) and the laws on the reception of Haitians in Brazil before proposing a reading of Vieira Junior's short story. By moving away from the rather negative views of Haitian mobility, the tale fosters a debate about friendship, empathy and achievements.

Keywords: Haitian mobility. Brazil. Itamar Vieira Junior. Brazilian literature

*O Homo sapiens é também
e sobretudo um Homo migrator¹*

Patrick Chamoiseau (2017, p. 44)

Brevíssimas notas sobre mobilidade

Nas palavras do escritor martinicano Patrick Chamoiseau, muitos são os impulsos para a experiência da mobilidade: “fome, fogo, sede, guerra, clima, água, terror,

¹ « *Homo sapiens* est aussi et surtout un *Homo migrator* ».

São de minha autoria as traduções livres para o português de textos referenciados em francês.

incrustações da miséria, abismo da precariedade invencível [...]” (2017, p. 77-78). De fato, em uma de suas mais conhecidas acepções, a mobilidade aponta para uma espécie de fuga de contextos precários/perigosos marcados pela desesperança, pelo receio do presente e pela impossibilidade de se vislumbrar um futuro satisfatório. Parte-se, muitas vezes a contragosto afetivo, no intuito de deixar para trás mazelas, corrupções, perseguições... facetas do incerto que tensionam a vida.

Se pensarmos na história das Américas e das empreitadas coloniais, reconhecemos ser a diáspora de negros escravizados “um dos mais cruéis movimentos de migração forçada” (Vergès, 2011, p. 177). Este outro sentido da mobilidade inscreve o deslocamento de uns (milhões, de fato) sob a égide do lucro de outros. Assim, não se trata do impulso individual de partir, mas de um comércio desumano e exploratório de natureza coletiva que empurra à revelia os escravizados para o abismo das travessias atlânticas e para a deposição (Glissant, 1981) em um novo e desconhecido território.

Não se pode perder de vista que, sendo o ser humano potencialmente migratório, o ato de atravessar fronteiras ganha a conotação de abertura à alteridade. É preciso reconhecer que “não há vida sem movimento, vitalidade sem migração – migrações físico-químicas, migrações estelares, migrações de genes, migrações de corpos, migrações do espírito e da ideia de viver, migrações refundadoras de nossos imaginários...” (CHAMOISEAU, 2017, p. 78). Nesta concepção, o mundo cederia cada vez mais à lógica aberta dos “espaço dos fluxos” (Ollivier, 2011, p. 18) ao invés de se ver ancorado no “espaço dos lugares” (Ollivier, 2011, p. 18). Por um lado, o deslocamento pode mobilizar “dor, sofrimento, perda de raízes, de certa autenticidade” (Ollivier, 2011, p. 49) em experiências marcadas por violências e brutalidades. Em contrapartida, por outro lado, ele estimula uma “individualidade polifônica” (Ollivier, 2011, p. 49), o nascimento de “um universo descompartimentado que é iridescência, rizoma, proliferação, florescimento de vida e liberdade” (Ollivier, 2011, p. 49).

² « la faim, le feu, la soif, la guerre, le climat, l'eau, la terreur, les marqueteries de la misère, l'abîme des précarités invincibles »

³ « un des plus cruels mouvements de migration forcée »

⁴ « Il n'est vie sans mouvement, vitalité sans migrance – migrances physico-chimiques, migrances stellaires, migrances des gènes, migrances des corps, migrances de l'esprit et de l'idée du vivre, migrances refundatrices de nos imaginaires... »

⁵ « Espace des flux »

⁶ « Espace des lieux »

⁷ « Douleur, souffrance, perte des racines, d'une certaine authenticité »

⁸ « Individualité polyphonique »

⁹ « univers décloisonné qui est irisation, rhizome, foisonnement, bourgeonnement de vie et de liberté »

Ora, a história humana – muito anteriormente às navegações transatlânticas dos séculos XV, XVI e XVII – acumula episódios de mobilidade, como as viagens exploratórias no mundo greco-romano que redesenharam, por exemplo, a cartografia do que hoje conhecemos como continente europeu. Como se vê, o deslocamento se confunde com a experiência humana. O que está em jogo hodiernamente é uma mudança de perspectiva com relação à compreensão dos contatos no globo: questiona-se/denuncia-se de maneira cada vez mais acentuada e veemente discursos reacionários e xenófobos que coadunam “alteridade e ameaça”, “diferença e perigo”, “outro e impureza”. Em outras palavras, é tempo de rechaçar etnocentrismos levados ao extremo (Gonçalves, 2022, p. 16) e nacionalismos a serem defendidos a ferro e a fogo. Como defende o antropólogo haitiano Handerson Joseph,

A mobilidade dos humanos continua sendo a chave das transformações sociopolíticas, culturais, filosóficas, tecnológicas e, ao mesmo tempo, da humanização das pessoas, possibilitando a des-conjugação das gramáticas linguísticas racialistas exotizantes, inferiorizantes e deterministas. (2020, p. 11)

A mobilidade haitiana na tessitura literária caribenha francófona: apontamentos sobre três textos

A mobilidade de haitianos figura há muito em textos literários caribenhos. A título de exemplificação, o haitiano Jacques-Stephen Alexis (1922-1961) retrata o genocídio de compatriotas na República Dominicana no romance *Compère Général Soleil* (1955), no qual descreve as agruras de Hilarion Hilarius para regressar ao país natal com sua família. Na peça teatral *Ton beau capitaine* (1989), Simone Schwarz-Bart (1938) encena a vivência em Guadalupe do trabalhador rural haitiano Wilnor Baptiste, que se corresponde via cartas sonoras (fitas cassetes) com sua esposa, que permaneceu no Haiti. Também originária da Ilha-borboleta¹⁰, Gisèle Pineau (1956) nos apresenta, em *Fleur de barbarie* (2005), a personagem Wanda, amiga da protagonista Josette/Joséphine. Haitiana de Jacmel, Wanda, enfrenta dificuldades afetivas em Paris enquanto tenta sobreviver como atriz.

Este breve panorama reúne obras que recobrem de maneira precisa cinco décadas, de 1955 até 2005. É necessário observar que, ao longo deste tempo, autores

¹⁰ Epíteto do arquipélago de Guadalupe, cuja origem remonta à visão aérea sobre as duas principais ilhas (Basse-terre e Grande-Terre) que se assemelham a uma borboleta de asas abertas.

caribenhos de três diferentes gerações, homens e mulheres, se atêm a representar a mobilidade haitiana a partir de um cunho fortemente pessimista. Consolida-se nas obras em questão um estigma da infelicidade, uma vez que a mobilidade de haitianos desencadeia episódios de violência, de extrema vulnerabilidade econômica e de solidão. Além disto, são inegáveis as dificuldades de integração de Hilarius, Baptiste e Wanda fora de sua ilha de origem: enquanto os dois personagens masculinos flertam com a morte e com a inanição, Wanda engravida inesperadamente de um imigrante do Benim, pensa em abortar o filho e confessa nada saber sobre o amor. Trata-se de personagens duplamente desorientados, pois tanto a permanência no Haiti quanto o acolhimento na nova terra parecem apontar, em um primeiro momento, para a impossibilidade. No que concerne à vida no Haiti, a escritora haitiana Yanick Lahens denuncia que a “carência absoluta é uma indecência em si mesma” (2012, p.69) antes de proclamar que “Aqui não há futuro¹¹” (2018, p.105). Jacques-Stephen Alexis, em romance já mencionado, revela que haitianos expoentes na vida política e cultural se viam constantemente ameaçados e que lhes era imperativa a “escolha entre duas soluções, se exilar ou [...] um ‘acidente’¹²” (Alexis, 1955, p. 223).

No que diz respeito à vida fora do Haiti, eis como o camponês Wilnor Baptiste é descrito na dramaturgia schwarz-bartiana: “Aí ele me disse que você mudou muito, emagreceu, minguou como uma vela; que agora você parecia um negro encolhido. Encolhido por fora e encolhido por dentro¹³” (Schwarz-Bart, 1989, p. 15). Ao comparar Wilnor a uma vela, a personagem refuta a alegoria amplamente reconhecida da luz enquanto símbolo incontestável de sabedoria e de poder. Na vida de Wilnor, a vela se restringe à efemeridade da cera que derrete, dissolve, até se desfazer por completo. O apequenamento físico de Wilnor metonimiza os revezes que enfrenta para sobreviver no arquipélago vizinho e sua sorte não destoa do destino de sua conterrânea Wanda, que passa o tempo fazendo testes de interpretação, sem lograr êxito. Recai sobre ela a alcunha da “que não consegue papéis”, da que está sob o império de um “não” insuperável, da atriz fracassada ressentida de oportunidades. As portas lhe parecem irremediavelmente fechadas, os holofotes desligados e, neste contexto de exclusão, a

¹¹ « Ici pas d'avenir »

¹² « le choix entre deux solutions, s'exiler ou bien il pourrait lui arriver un « accident ». »

¹³ « Puis il m'a dit que tu avais beaucoup changé, maigri, fondu comme une chandelle ; que tu faisais maintenant impression d'un nègre tout rétréci. Rétréci au-dehors et rétréci du dedans »

França metropolitana assume o papel de antagonista que se recusa a dar oportunidade e visibilidade para atrizes negras, sobretudo migrantes (Pineau, 2005, p. 245).

Em outro trecho, a narradora retoma os diversos obstáculos enfrentados pela haitiana. A enumeração se organiza em uma espécie de *crescendo* revelador: a artista sobrevive de bicos, mora de favor e conhece a fome na capital francesa. Fica explícito que a personagem usufrui de uma providencial rede de apoio de amigos, sem a qual teria sucumbido à mendicância e à vida nas ruas. Eis a passagem do romance pineauniano:

Do que Wanda vivia? [...]. Eu a conhecia há dez anos e ela nunca desistiu dos seus sonhos. “Um dia, afirmou ela, vou ficar famosa. Verão meu rosto no cinema e se não der certo na França, irei à América onde se teme menos os negros do que aqui”. [...] Ela vivia de um lado pro outro, às vezes em acomodações pseudo-compartilhadas, às vezes em invasões. Eu já tinha lhe emprestado um bom dinheiro. Empréstimos que se transformavam em doações. [...] Eu estava convencida de que ela não matava sua fome todos os dias¹⁴. (2005, p. 343-345)

Ainda que se mantenha há dez anos na cidade luz, Wanda vive de maneira bastante precária. De algum modo, a insistência em uma ascensão artística ganha contornos de devaneios e a crença no reconhecimento desvenda um possível mecanismo colocado em prática para suportar uma rotina de privações, de insucessos e de frustrações.

Interfaces e mobilidade haitiana em *terra brasilis*¹⁵

No Brasil, o imaginário mais difundido acerca do haitiano figurava no campo musical¹⁶, notadamente com a célebre canção “Haiti” (1993), de Caetano Veloso. Temos notícia de narrativas em que os intelectuais haitianos Gary Victor e Dany Laferrière exprimem diferentes perspectivas sobre os olhares cruzados Brasil-Haiti. Victor (2006, p. 230-232) denuncia a truculência e as reiteradas violações aos direitos humanos perpetradas pelo exército brasileiro na ilha caribenha, no âmbito da Missão das Nações

¹⁴ « De quoi vivait Wanda ? [...] Cela faisait dix ans que je la connaissais et elle n’avait jamais renoncé à ses rêves. « Un jour, affirma-t-elle, je deviendrai célèbre. On verra ma gueule au cinéma et si ça ne marche pas en France, j’irai en Amérique où on craint moins les Blacks qu’ici. » [...] Elle vivait à droite et à gauche, tantôt en pseudo-colocation, tantôt dans des squats. Je lui avais déjà prêté pas mal d’argent. Des prêts qui se transformaient en donations. [...] J’étais persuadée qu’elle ne mangeait pas chaque jour à sa faim. »

¹⁵ Trata-se de uma alcunha do Brasil. O nome se refere ao mapa “Terra Brasilis”, de 1519, de autoria do cartógrafo português Lopo Homem, em cuja empreitada foi auxiliado por Pedro e Jorge Reinel.

¹⁶ A este respeito, ver o artigo de minha autoria intitulado “O Haiti (não) é aqui?": silêncios, regateios e estilhaços nos diálogos Haiti-Brasil” (2020).

Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), que ocupou a ilha de 2004 a 2017. Laferrière, por sua vez, conta as peripécias de uma viagem ao Rio de Janeiro, antiga capital brasileira, a partir da qual preconiza que “o Brasil tem três coisas em comum com o Haiti: o café, o amor ao futebol e o vodu – eles praticam uma variante do vodu, o candomblé¹⁷” (Laferrière, 2012, p. 130).

Tudo leva a crer que a temática da mobilidade haitiana no Brasil adentra no cenário literário brasileiro em 2017, pelas mãos do autor baiano Itamar Vieira Junior. Ele entrecruza os deslocamentos de uma senegalesa e de uma haitiana no conto “Meu mar (fé¹⁸)”, quinta narrativa presente na coletânea *A oração do carrasco* (2017), que foi republicado, com modificações, quatro anos mais tarde no livro *Doramar ou a odisseia* (2021). Vieira Junior ocupa espaço de prestígio e ascensão nos campos literários brasileiro e internacional, graças ao sucesso estrondoso do romance *Torto Arado* (2018, Portugal; 2019, Brasil). O escritor foi agraciado em 2020 com os Prêmios Jabuti e Oceanos de romance literário por seu romance de estreia. Em 2024, o romance *Salvar o fogo* repete a trajetória de sucesso, sagrando-se vencedor da mais prestigiosa condecoração literária nacional: o Jabuti. Na esfera das traduções, Itamar Vieira Junior foi traduzido em torno de três dezenas de línguas e os direitos autorais de *Torto Arado* já foram cedidos para adaptações teatrais, televisivas e cinematográficas.

Sucesso de público e de crítica, Itamar Vieira Junior conquistou o estrondoso número de um milhão de exemplares vendidos, sendo *Torto Arado* um *best-seller* incomparável republicado em edição comemorativa e capa dura em 2024, ao qual seguem *Doramar e a odisseia* (2021), *Salvar o fogo*¹⁹ (2023) e o livro para as infâncias *Chupim* (2024). Os números superlativos destoam das cifras que regem o mercado editorial brasileiro. Para que se tenha uma ideia da relação dos brasileiros com a leitura, a 4ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, aponta que no Brasil, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um

¹⁷ « Le Brésil a trois choses en commun avec Haïti: le café, l’amour au foot et le vaudou - ils pratiquent une variante du vaudou, le candomblé ».

¹⁸ Na primeira publicação do conto, em 2017, a palavra “Fé” é grafada com letra inicial maiúscula, o que não ocorre na segunda edição, de 2021.

¹⁹ A título de curiosidade, Itamar Vieira Junior acolhe na epígrafe do livro *Salvar o fogo* uma sentença da escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart: “A tristeza inteira era o fogo” (2023, p. 65) presente no romance *Chuva e vento sobre sobre Télumée Milagre*. Trata-se da retradução brasileira da obra *Pluie et vent sur Télumée Milagre* por Monica Stahel, em publicação da editora Carambaia. Para que compreendamos bem, o fogo a que a sentença se refere é uma metáfora da escravização que assolou as Américas durante o período colonial.

livro na vida: “O brasileiro lê, em média, cinco livros por ano, sendo aproximadamente 2,4 livros lidos apenas em parte e, 2,5, inteiros” (Tokarnia, 2020). Dados da 6ª edição desta pesquisa (2024) expõem um vínculo ainda mais alarmante do brasileiro com a leitura:

[...] houve uma redução de 6,7 milhões de leitores no país. Pela primeira vez na série histórica da pesquisa, a proporção de não-leitores é maior do que a de leitores na população brasileira: 53% das pessoas não leram nem parte de um livro - impresso ou digital - de qualquer gênero, incluindo didáticos, bíblia e religiosos, nos três meses anteriores à pesquisa.

Levando-se em conta a relevância conquistada pelo autor, o maior expoente das letras brasileiras atualmente, o conto “Meu mar (fé)” ocupa posição privilegiada para ampliar os debates acerca da migração de haitianos no país. No que diz respeito à mobilidade haitiana no Brasil, recorro a dois trabalhos de pós-graduação²⁰ defendidos em instituições públicas de Ensino Superior brasileiras no ano de 2015: a dissertação de mestrado em Ciências Humanas e Sociais de Adriano Alves de Aquino Araújo acerca da inserção de um grupo de imigrantes haitianos em Santo André, São Paulo, e a tese de doutorado sobre a mobilidade de haitianos no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa, no âmbito da Antropologia social, de Handerson Joseph.

Em sua pesquisa, Adriano Araújo afirma que “os haitianos passaram a ser citados nos censos demográficos do Brasil de 1940 em diante” (2015, p. 54), sendo estes os dados coletados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): “1940 – 16 pessoas; em 1950 – 21 pessoas; em 1960 – 159 pessoas; 1970 – 90 pessoas; 1980 – 127 pessoas; em 1991 – 141 pessoas; em 2000 – 15 pessoas; e em 2010 – 36 pessoas” (2015, p. 54). Com relação ao ano de 2015, Handerson Joseph calcula que “seriam entre 35 a 40 mil no Brasil, em uma população migrante registrada e estimada em 1,5 milhão no universo da população local de 202 milhões” (2015, p. 41). Contudo, o próprio intelectual haitiano questiona a precisão dos dados:

²⁰ De acordo com informações do repositório nacional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que reagrupa os trabalhos de Pós-graduações concluídos no Brasil, constam até a presente data 8 trabalhos com menção no título à “mobilidade haitiana” e pelo menos 53 pesquisas centradas na imigração haitiana, distribuídas em diferentes áreas de conhecimento. O crescente volume de interesse de pesquisadores e a variedade das áreas mobilizadas explicitam a relevância que o tema da mobilidade haitiana vem adquirindo no espaço acadêmico brasileiro.

Os dados devem ser problematizados porque é complexo afirmar números bem definidos, visto ser quase impossível mensurar mundo em movimento. Além de, possivelmente, nem todos os imigrantes terem passado pela Polícia Federal brasileira ou enviado os seus dados para o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), pois sabemos das dificuldades inerentes às fontes convencionais. (Joseph, 2015, p. 41)

Estima-se atualmente a existência de 150.000 haitianos legalizados no Brasil, o que se acentuou sensivelmente após o terrível terremoto ocorrido a 25 quilômetros de Port-au-Prince, capital haitiana, em 12 de janeiro de 2010. Em 1º de fevereiro de 2012, em viagem diplomática à capital do Haiti, a presidenta Dilma Rousseff reitera os laços solidários entre os dois países:

O governo haitiano pode contar com a colaboração sempre solidária do Brasil, papel ao qual temos dedicado nossos melhores esforços e que conta com o apoio do Poder Executivo, do Congresso Nacional, da sociedade brasileira e, sobretudo, de toda a nossa pátria. Trata-se de exercício de solidariedade, que todos os membros da comunidade internacional também devem continuar a demonstrar, com estreita e respeitosa parceria com o governo e a sociedade nacional do Haiti. (Brasil, 2012)²¹

Desde então, foi lavrada a lei de Migração no Brasil²² (nº 13.445), de 24 de maio de 2017, e foram publicadas diretrizes acerca da mobilidade haitiana no Brasil, como portarias interministeriais que versam sobre a concessão do visto temporário e a autorização de residência, para fins de acolhida humanitária, a haitianos e apátridas residentes na República do Haiti. A primeira resolução a este respeito foi a de no. 97, de 12 de janeiro de 2012²³, seguida de portarias como a nº 10, de 6 de abril de 2018²⁴, atualizada anualmente desde então²⁵. Em 2023, foi publicada lei para viabilizar a reunião

²¹ Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discorso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-apresentacao-do-contingente-brasileiro-da-missao-das-nacoes-unidas-para-a-estabilizacao-do-haiti-minustah-porto-principe-haiti> Acesso em: 28 mai 2023.

²² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm#:~:text=L13445&text=LEI%20N%C2%BA%2013.445%2C%20DE%2024%20DE%20MAIO%20DE%202017.&text=Institui%20a%20Lei%20de%20Migra%C3%A7%C3%A3o.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e.pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas%20para%20o%20emigrante. Acesso em: 31 mai 2023.

²³ Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083> Acesso em: 31 mai 2023.

²⁴ Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias/PORTARIA%20INTERMINISTERIAL%20N%C2%BA%2010.%20DE%206%20DE%20ABRIL%20DE%202018.pdf> Acesso em: 31 mai 2023.

²⁵ Quando de sua expiração, a portaria foi relançada, com ligeiras modificações, anualmente: nº 12 de 20 de dezembro de 2019, nº 13 de 16 de dezembro de 2020, nº 27 de 30 de dezembro de 2021, nº 29, de 25 de abril de 2022 e nº 37, de 30 de março de 2023. Como meio de publicidade das leis, foi divulgado cartaz oficial com informações sobre a mobilidade de haitianos no Brasil, disponível em:

familiar de migrantes haitianos no Brasil, segundo a qual o migrante haitiano com autorização de residência por acolhida humanitária poderá trazer para o Brasil seu familiar que esteja no Haiti (portaria interministerial no. 38, de 10 de abril de 2023²⁶).

Sob a ótica das leis voltadas ao acolhimento de imigrantes, em dado momento do conto, a narradora afirma: “Dominique acha que por ser haitiana será mais fácil conseguir o visto de permanência, mas não tem a mesma certeza quanto a mim” (Vieira Junior, 2021, p. 105). Avaliado sob o âmbito jurídico, se ocorrido hoje, o pleito de Dominique seria beneficiado pela portaria 38, pois seu marido já estava há um ano no Brasil. Quanto à narradora senegalesa, ela teria o resguardo da portaria interministerial no. 10²⁷, de 5 de dezembro de 2019, que concede visto humanitário aos cidadãos da República do Senegal.

O diálogo cultural e político entre Brasil e Haiti encontra ecos nas palavras da filósofa, antropóloga e ativista brasileira Lélia Gonzalez, que vislumbrou o termo “amefricanidade” para reunir nações nas Américas que foram forjadas com capital cultural africano: “[...] politicamente é muito mais democrático, culturalmente muito mais realista e logicamente muito mais coerente nos identificarmos a partir da categoria de amefricanidade e nos autodesignarmos amefricanos: de Cuba, do Haiti, do Brasil, da República Dominicana, dos Estados Unidos e de todos os outros países do continente” (Gonzalez, 2020, p. 137).

Retomando a análise do conto de Itamar Vieira Junior, este texto se sagra, provavelmente, como o primeiro texto literário brasileiro centrado no deslocamento de uma haitiana no país. Trata-se da haitiana Dominique cuja mobilidade no Brasil é contada por uma amiga, uma senegalesa não nomeada ao longo da intriga. A narrativa gira em torno da vinda ilegal dessa senegalesa junto com o marido e mais quatro compatriotas de Dakar, capital do Senegal, em contêiner ilegal transportado por embarcação de carga que aportou na Bahia, na costa nordeste brasileira. Intitulado de *Esperança*, o navio arregimentava uma viagem repleta de sonhos: “Que possamos desembarcar no Brasil, que possamos ter trabalho, que não sejamos importunados pelas

https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/OIM_RESIDENCIA_TEMPORAL_HAITIA_NOS_WEB_PT_Rede%2520de%2520atendimento_Final.pdf

²⁶ Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias/2023/PORTARIA_INTERMINISTERIAL_MJSPMRE_N%C2%BA_38_DE_10_DE_ABRIL_DE_2023.pdf Acesso em: 31 mai 2023.

²⁷ Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias/PORTARIA_INTERMINISTERIAL_N%C2%BA_10_DE_5_DE_DEZEMBRO_DE_2019.pdf Acesso em: 31 mai 2023.

autoridades, que possamos guardar dinheiro para um dia regressar à nossa terra” (Vieira Junior, 2021, p. 99).

Ao serem descobertos como imigrantes irregulares, os fugitivos sofrem severa violência física sob o jugo da força policial nacional e são lançados ao mar. A protagonista consegue ser salva por um navio de passagem; o mesmo não ocorre, porém, com seu marido, que, já sem forças, tinha afundado no oceano ao tentar salvar um companheiro que se afogava. O conto é narrado por esta sobrevivente que, em abrigo em uma igreja baiana, se endereça ao marido ao mesmo tempo em que repete diariamente o ritual de ir à beira do mar à sua procura.

A haitiana Dominique é uma personagem secundária embora sua presença seja determinante no conto. Sua aparição ocorre logo após a descoberta da gravidez da senegalesa. Ao longo das quatorze laudas do texto, cinco delas são inteiramente dedicadas à Dominique, cuja presença fraternal arrefece a solidão angustiante da protagonista. As trajetórias de uma e outra se entrelaçam quando elas passam a conviver no abrigo: “Ela estava sozinha, igual a mim” (2021, p. 103), “Dominique tem sido boa comigo” (2021, p. 104) e “Dominique e eu somos feitas da mesma matéria” (2021, p. 107), confessa a narradora. A relação de amizade, entretanto, desliza no pêndulo entre a cumplicidade de mulheres imigrantes ilegais em sofrimento e os silenciamentos dos horrores vivenciados no deslocamento, que são difíceis de pronunciar:

Sei que ela é muito generosa e não quer me ver abatida. Ela ouve quando falo sobre você, mas não tenho coragem de dizer que viemos dentro de um contêiner passando fome, sinto vergonha, então vejo certeza no olhar de Dominique quando me diz que você voltará, sim, que conseguirá me encontrar. Ela, assim como eu, não guarda dúvida de que esse desencontro terá um bom desfecho, e tudo é só uma questão de tempo. (2021, p. 105-106)

Dominique partiu do Haiti após o terremoto de 2010, “um tremor muito grande, [...] e pouca coisa ficou de pé” (2021, p. 103) e ingressou ilegalmente no Brasil para reencontrar o marido que já havia se instalado na cidade de São Paulo, há um ano:

Ela me disse também que tinha dinheiro suficiente para encontrar o marido em São Paulo, mas que, na fronteira entre o Brasil e o Peru, o coioite exigiu mais dinheiro, sob o risco de abandoná-la na selva com os outros haitianos. Dominique teve de lhe dar todo o dinheiro e então conseguiu chegar só até aqui, porque não carregava muitas coisas nem tinha muita informação sobre onde ele estava exatamente. (2021, p. 104)

Dominique e a protagonista senegalesa compartilham vivências da mobilidade que empreendem: o sonho de uma vida nova (a fuga da miséria africana e do terremoto caribenho, respectivamente), a entrada ilegal no Brasil (a descoberta no porto da Bahia, para uma, e a extorsão do atravessador na floresta, para outra), a perda do marido (o afogamento e o desencontro), a espera angustiante para reaproximar o casal (com todas as incertezas e delírios de cada situação), a iminência da morte (por asfixia/afogamento e por abandono na selva perigosa), o não domínio da língua portuguesa (Dominique conhece melhor a língua, pois está há mais tempo no país), a sobrevida/desorientação no abrigo, a extrema vulnerabilidade financeira, o trabalho precarizado sem qualquer direito trabalhista, o receio de ceder ao trabalho como empregada doméstica (“você será uma escrava” (2021, p. 107)) e de se expor ainda mais à violência. Nesta perspectiva, a pesquisadora Rosângela Rocha defende que os contos de Itamar Vieira Junior expõem “uma homenagem aos despossuídos, mais precisamente às mulheres negras e pobres de todos os tempos e todos os lugares, com suas lutas pela construção de suas identidades e pela sobrevivência” (2017, p. 14).

A despeito da forte conexão entre as duas imigrantes, é preciso assinalar a barreira linguística que se impunha entre as duas: “É difícil compreender Dominique porque nossos falares são muito diferentes, ela fala o crioulo da terra dela, eu falo o crioulo de nossa terra, são línguas diferentes. Então juntamos os pedaços com um francês muito ruim e com o português que começamos a aprender” (2021, p. 103). Neste contexto, Dominique é a única a criar um epíteto para a protagonista: “Às vezes, em sua inspiração, disciplinada, ela me chama de *Foi*. A palavra mais bela pela qual alguém já me chamou, mesmo numa língua que nos colonizou, mas, ao mesmo tempo, nos uniu, agora eu descobria, de um lado a outro do oceano” (2021, p. 107, grifo do autor). O substantivo francês “*foi*” corresponde à “*fé*”, em português. O termo vai ao encontro da espera messiânica da mulher que olha o mar na expectativa de um milagre restaurador, o retorno do marido. O conto coaduna as instâncias do “mar” e da “*fé*”, sendo o primeiro o símbolo da mobilidade e o outro, o mecanismo de tentativa de bem-estar diante das incertezas da migração. Não à toa, lembremo-nos, o título do conto é “Meu mar (*fé*)”. Na parte final do texto, quando do nascimento de seu filho, a narradora endereça seu discurso ao mar, que personifica a figura masculina na vida da criança.

Eis uma faceta importante da haitiana: a única personagem nomeada no conto é aquela que nomeia, promovendo uma espécie de batismo da amiga senegalesa em terras brasileiras. Dominique ocupa igualmente a função de mentora intelectual de Foi, que se comunica notadamente pela escrita do diário-carta endereçado ao marido desaparecido. Sentenças como “Dominique me contou” (2021, p. 103), “Dominique me disse” (2021, p. 104), “Dominique falou” (2021, p. 104, 105), “Dominique me diz” (2021, p. 106) e “Dominique me conta” (2021, p. 106) desvelam a relevância da personagem como esteio afetivo junto à senegalesa. Dominique é mencionada dezoito vezes no conto e, na maioria destas menções, seu nome ocupa o lugar de sujeito da frase, seguido de um verbo de ação associado à fala, ao discurso. O procedimento chama a atenção ao evocarmos a dificuldade de comunicação entre as duas, como explicitado anteriormente. Pelo viés da escrita da amiga, Dominique assume o protagonismo assegurado pela experiência no Brasil, pela generosidade acolhedora e pela capacidade de compartilhar sugestões, o que pode atenuar as dificuldades intrínsecas à adaptação em novo território, sobretudo após um deslocamento traumático. Outro aspecto relevante suscitado na forma como Dominique é retratada no texto alude a uma rotina estagnada, em modo repetição, no qual os verbos, assim como os dias, pouco variam.

Unidas pelo afeto e pela urgência do recomeço no Brasil, as duas começam a trabalhar de maneira informal, como comerciantes ambulantes (camelôs), vendendo baterias nas ruas da cidade, experiência que traz aprendizados quanto à língua portuguesa e quanto aos perigos da vida ilegal. Acerca da aquisição do português, a narradora diz:

Aprendemos a dizer “dois real”, “seis real”, “obrigado”, “bom dia”, “de nada”, isso pode parecer pouco, mas me dá um alívio porque as pessoas nos olham com um ar de compreensão que de certa forma nos liga a elas e nos salva da falta de comunicação, dando a impressão de que aos poucos passaremos a pertencer a esta terra. (2021, p. 104)

Com relação à vida na marginalidade da lei, a narradora explica: “Temos de prestar atenção nos fiscais públicos que recolhem as mercadorias dos ambulantes sem licença, nós aqui somos estrangeiras, sem permissão de ficar” (2021, p. 105). A filósofa brasileira Vilma Piedade cunhou o conceito de “dororidade” (2017), capaz de explicar a aproximação entre Foi e Dominique:

A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor. (Piedade, 2017, p. 17)

Como define Piedade, “dororidade” abarca a dor do racismo que ambas enfrentam no país. A temática do racismo se consolida na fala de Dominique, um discurso que desnuda duas características falaciosas amplamente veiculadas sobre os brasileiros: a de que seriam cordiais alegres e acolhedores (Schwarcz, 2019, p. 22; 211), sempre de braços abertos à alteridade (como a simbólica estátua do Cristo no morro do Corcovado, no Rio de Janeiro) e a de que teriam implementado uma vitoriosa miscigenação de raças ao longo de sua história que pulverizasse o preconceito e a hierarquia racial (Schwarcz, 2019, p. 16-19). Eis o que testemunha a senegalesa:

Dominique me disse que eu não devo ter muita esperança nem contar com muita bondade por parte dos brasileiros. Falou que o preconceito contra nossa cor e nossa origem é muito forte por aqui. Ela compreende mais o português porque chegou há mais tempo e me fala coisas que eles fazem sorratamente, mas que ela já pôde notar. Dominique falou que mesmo os negros daqui sofrem discriminação [...] e concluía com pesar: “Aqui negro é um cidadão de segunda classe. Como nos Estados Unidos. Como na Europa” (2021, p. 104-105)

As assertivas de Dominique se imbricam à percepção de intelectuais brasileiros sobre essa questão. Segundo a antropóloga brasileira Lilia Schwarcz, a democracia racial brasileira deve ser compreendida nos termos de uma “ladainha das três raças”, pois no contato histórico entre brancos, negros e índios, a “mistura não era (e nunca foi) sinônimo de igualdade” (2019, p. 16). Na ótica do sociólogo Jessé Souza, “do escravismo nós herdamos o desprezo e o ódio covarde pelas classes populares” (2017, p. 151) e “é a ausência de processos de aprendizado coletivo e de sua institucionalização social e política que explica nossa abissal desigualdade e indiferença ao sofrimento” (2017, p. 152).

No conto de Itamar Vieira Junior, Dominique se dirige para o sul ao ter o sonho do reencontro com o marido concretizado: “Depois de uma intensa busca, o marido de Dominique conseguiu localizá-la e enviou o dinheiro para que comprasse a passagem e o encontrasse no endereço em que ele mora no Sul. Eu estava ao seu lado quando ela recebeu a notícia e constatei que felicidade é receber uma notícia há muito esperada” (2020, p. 106-107). A personagem se despede do conto quando da notícia da viagem

para a região sul do Brasil, deixando em suspenso sua integração nesta região brasileira que mais tem acolhido haitianos no ramo da agroindústria e de frigoríficos (STAUDT, 2020, p. 126), notadamente para exercício de atividades braçais extenuantes, mal remuneradas e rechaçadas por brasileiros.

À guisa de preencher as reticências do conto de Vieira Junior, faz-se relevante apontar que a dificuldade de integração dos haitianos no Brasil ganha a atenção da pesquisadora Taíse Staudt, que transformou a escuta aos haitianos radicados em Chapecó, no estado sulista de Santa Catarina, no livro *Sou diáspora*²⁸ – *identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil* (2020) e em dissertação de mestrado (2022). Sendo o Brasil um país continental com características culturais bastante distintas em cada uma de suas cinco regiões (Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul), é preciso compreender que o Sul, por razões históricas de branqueamento e estímulo à imigração de italianos e alemães quando da abolição da escravatura, abarcam o maior contingente de população branca do país. Neste contexto, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística informam que “no Sul, 76,8% da população se declarou branca, 18,7% parda e apenas 3,8% preta” (Saraiva, 2017). Isto posto, os imaginários do haitiano sobre o brasileiro, que envolveriam tanto a tríade futebol-religião-alimentação, já elencados por Dany Laferrière, quanto à ideia da entrevistada Marie, para quem “a gente nunca pensou assim que tem pessoas brancas no Brasil” (Staudt, 2020, p. 130), não possuem aderência à realidade encontrada no Sul do país. Em outras palavras, dentro dos brasis que habitam o Brasil, o impacto dos haitianos no Sul se amplifica, uma vez que “a negritude presente em seus corpos revela o impacto com uma estrutura de poder baseada na perpetuação da hegemonia branca instaurada com os ideais europeus” (Soares & Andreola, 2017 *apud* Staudt, 2020, p. 132).

Aproximando-se do testemunho da personagem Dominique, os haitianos entrevistados por Staudt afirmam que o Brasil retratado na mídia “demonstrava ser muito diferente” (2020, p. 130) do país encontrado no oeste catarinense: “nunca pensei que o Brasil seria um país muito preconceituoso” (2020, p. 129). De acordo com Handerson Joseph, “a chegada dos haitianos vai de encontro aos ideais de embranquecimento da nação brasileira e provoca mudanças na paisagem local, trazendo

²⁸ Segundo a pesquisadora, “ser diáspora representa o sucesso daquele haitiano que vive no exterior por muito tempo e retorna ao Haiti temporariamente, ‘demonstrando’ o sucesso da ida ao exterior” (STAUDT, 2020, p. 112).

à tona os estigmas da sociedade associados ao modo de pensar e ver o negro na sociedade santa catarinense” (Joseph, 2020, p. 11).

Considerações finais

Ao acolher a temática da mobilidade haitiana no Brasil no conto “Meu mar (fé)”, o escritor baiano Itamar Vieira Junior fomenta consideravelmente o debate acerca deste tema sensível para a sociedade brasileira, que têm acolhido desde 2010 um número expressivo de haitianos em seu território, sobretudo no sul do país. Afastando-se de obras caribenhas como as de autoria de Jacques-Stephen Alexis, Simone Schwarz-Bart e Gisèle Pineau acolhidas na presente análise, que adotam inegável tom pessimista e inscrevem a presença de haitianos em outros territórios sob o estigma da impossibilidade e dos entraves sociais, o conto de Itamar Vieira Junior permite à imigrante Dominique viver alegrias e recomeços promissores em território nacional. Não se trata, certamente, de enevoar as duras vicissitudes de deslocamentos, muitas vezes ilegais, nos quais a vida e o bem-estar social se encontram peremptoriamente em risco. Não está em jogo, tampouco, minimizar a rotina de frustrações perante o racismo, a vulnerabilidade financeira, a solidão e as dificuldades de integração plena no seio da sociedade brasileira.

Através da singela amizade entre Dominique e Foi construída na tessitura de seu conto, Itamar traz à tona os afetos que buscam fragilizar a “dororidade”, mostrando uma díade feminina que se fortalece no discurso compartilhado, na esperança de uma vida nova, a despeito das intempéries (violentas) da mobilidade. Os poucos momentos da narrativa identificados com alguma pátina de “alegria” ganham corpo justamente a partir de Dominique, graças a quem o silêncio vira discurso, o desconhecido passa a ser narrado e a solidão se torna uma vivência acompanhada. Além disto, Dominique é aquela que nomeia a fé, singularizando a amiga senegalesa até então invisibilizada e apostando na confiança e nas benesses do que está por vir. A não se perder de vista, igualmente, o fato de que o desfecho feliz de Dominique ilumina com belas possibilidades o (estigmatizado) destino de haitianos em deslocamento. O desenlace da personagem consiste em, com o dinheiro enviado pelo marido, embarcar em um avião com destino à sua tão almejada nova vida. Sua participação no conto se encerra sob a égide de um novo

deslocamento, um novo capítulo como “diáspora”, para retomarmos o termo empregado por Taíse Staudt. Certamente, ao ter seu destino associado ao signo do reencontro e da reaproximação do marido, Dominique deixa antever a potencialidade de uma família haitiana reencontrada em solo brasileiro. Ao fim e ao cabo, a despeito de tudo e de todos, Dominique vence e sua vitória ilumina as trevas que podem se abater, de modo fugidivo ou contumaz, sobre a vida dos seres migratórios.

Referências

ALEXIS, Jacques-Stephen. **Compère Général Soleil**. Paris: Gallimard, 1955.

ARAUJO, Adriano Alves de Aquino. **Reve de brezil: a inserção de um grupo de imigrantes haitianos em Santo André, São Paulo – Brasil**. Dissertação (mestrado) – USP/Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais. Santo André: USP, 2015.

CÂMERA DO LIVRO. **Mais da metade dos brasileiros não lê livros, aponta pesquisa**. Disponível em <https://cbl.org.br/2024/11/mais-da-metade-dos-brasileiros-nao-le-livros-aponta-pesquisa/#:~:text=A%20edi%C3%A7%C3%A3o%202024%20da%20ma%20milh%C3%B5es%20de%20leitores%20no%20pa%C3%ADs> Acesso em: 25 nov 2024.

CHAMOISEAU, Patrick. **Frères migrants**. Paris: Seuil, 2017.

GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris: Gallimard, 1981.

GONÇALVES, Jonuel. **As imposturas identitárias - África e reflexo Brasil**. São Paulo: Garamond, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JOSEPH, Handerson. Prefácio. In: STAUDT, Taíse. **Sou diáspora** – identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil. Chapecó: Ed. Do autor, 2020, p. 9-11.

JOSEPH, Handerson. **Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. – Tese (doutorado) – UFRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.

LAFERRIÈRE, Dany. **Tout bouge autour de moi**. Paris: Grasset, 2012.

LAHENS, Yanick. **Falhas**. Tradução de Sérgio de Queiroz Duarte. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

LAHENS, Yanick. **Douces déroutés**. Paris: Sabine Wespieser Éditeur, 2018.

OLLIVIER, Emile. **Repérages 2**. Québec: Leméac éditeur, 2011.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINEAU, Gisèle. **Fleur de Barbarie**. Paris: Mercure de France, 2005.

ROCHA, Rosângela Vieira. "Prefácio". In VIEIRA JUNIOR, Itamar. **A oração do carrasco**. Salvador: Mondrongo, 2017, p. 11-15.

ROCHA, Vanessa Massoni da. 'O Haiti (não) é aqui?': silêncios, regateios e estilhaços nos diálogos Haiti-Brasil. **Revista Terra roxa e outras terras**, v. 39, 2020, p. 81-92.

ROCHA, Vanessa Massoni da. "Facetas do feminino negro e renitências no campo em A ilha da chuva e do vento, de Simone Schwarz-Bart e Torto arado, de Itamar Vieira Junior". In: Lorena de Freitas; Lívia Santos de Souza. (Org.). **Feminismo e resistência: ressonâncias na literatura latinoamericana e caribenha**. 1ed. São Paulo: Pimenta cultural, 2023, p. 73-103.

SARAIVA, Adriana. População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. **Agência IBGE notícias**. Disponível em: <https://agencia.denoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos#:~:text=No%20Sul%2C%20%2C%2076%2C8,apenas%203%2C8%25%20preta>. Acesso em: 6 jun 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARZ-BART, Simone. **Ton beau capitaine**. Paris: Seuil, 1987.

SCWARZ-BART, Simone. **Chuva e vento sobre Télumée Milagre**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Carambaia, 2023.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso** – da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

STAUDT, Taíse. **Sou diáspora** – identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil. Chapecó: Ed. Do autor, 2020, p. 9-11.

TOKARNIA, Mariana. Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos. **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-d-e-leitores-em-quatro-anos> Acesso em: 29 mai 2023.

VELOSO, Caetano; Gilberto Gil. **Haiti**. Disco Tropicália 2. Lado A, faixa 1. Rio de Janeiro: PolyGram do Brasil, 1993.

VERGÈS, Françoise. **L'homme prédateur** – ce que nous enseigne l'esclavage sur notre temps. Paris: Albin Michel, 2011.

VICTOR, Gary. La Page blanche de la colonisation. Julie Hepfe; COLLEU, Gilles Colleu, orgs. **Dernières nouvelles du colonialisme**. Paris: Vents d'ailleurs, 2006. 229-238.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Meu mar (fé) In: VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Doramar ou a odisseia**. São Paulo: Todavia, 2020, p. 98-111.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Salvar o fogo**. São Paulo: Todavia, 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Chupim**. São Paulo: Baião, 2024.

Data de submissão: 29/09/2024

Data de aceite: 01/12/2024